

O ESPECTRO

SEMANARIO POLITICO

Biblioteca Municipal de Lisboa
 Direcção Municipal de Cultura
 Departamento de Acção Cultural
 Divisão da Rede de Bibliotecas
 Câmara Municipal de Lisboa

O grande escandalo da camara dos deputados.

O DEPUTADO JOÃO ARROIO

Ficam famosas nos annaes do parlamentarismo, as ultimas sessões da camara dos representantes do povo.

O governo, na furia de se agarrar ás respectivas pastas, como ostras agarradas ás respectivas conchas, não **trepida** em lançar mão de tudo:—da **covardia**, da **retratação ignobil** e da **villiania torpissima**.

Para bem se verberar tanto attentado, já não bastam phrases aceradas, como arestas vivas de diamantes, nem a forte indignação dos espiritos independentes. Parece-nos que vae sendo preciso o **arrocho**, o **chicote**, o **pontapé**.

Enlameado até ao pescoço, o **governo** d'esses **bonifrates**, deu a mais **reles** ideia do seu valor e da sua **corrupção** na memoravel sessão da **camara, de 18 de maio ultimo**.

O governo, aos olhos dos homens de bem, está **atascado no lodaçal dos seus actos**.

Já não governa:—**fedez!**

Ficou demonstrada plenamente, até onde chega a força moral d'esses homens, que, para se assegurarem no poder, não trepidam ante a mais **reles retratação, sujando-se e emporcaalhando** os seus proprios **correlligionarios politicos**.

Depois do que se fez, mais porco, só **uma estrumeira**.

Mas ainda bem que do meio da **podridão** que roe tudo, e tudo avassalla, um protesto glorioso e honrado, veio em auxilio das nobres tradições do **partido regenerador**, tradições que representam ainda hoje a honra, a dignidade, o progresso e a justiça!

Depois do que se passára na camara, o que tinha o governo a fazer?

Demittir-se.

Isto faria um governo, que tivesse no seu programma as palavras **brilo partidario**;—mas o governo progressista, não conhece sentimentos de honra, nem conveniencias politicas: conhece as suas conveniencias particulares, e sabe que se fór **corrido do poder**, jamais lá voltará, porque não tem a confiança publica.

E portanto não lhe convem largar as pastas, porque não se sente ainda sufficientemente **replecto**.

O escandalo nunca visto, da sessão de **18 de maio**, é o **lençol** em que o governo, **morto moralmente** ha muito, se quiz embrulhar para ir á **cova**.

Um governo forte, e com a confiança da corôa, e com a confiança do povo, não lança mão de accordos para se salvar.

Um **accordo** é uma **covardia**. Quem desce a propol-o, sente-se **reuz**, sem forças para **arrostar** com a corrente da opinião adversa, e teme as consequencias dos seus actos.

Esse **accordo** foi uma **ignominia** para o GOVERNO, que sem **forças**, sem **caracter**, sem **energia**, veio **SERVILMENTE ROJAR-SE** aos pés de um GRUPO DE ADVERSARIOS, implorando a esmola do seu quietismo.

Nós somos **RASGADAMENTE CONTRA TODOS OS ACCORDOS**, que consideramos sempre **ANTI-POLITICOS**, mormente, quando, como na sessão de 18 de maio, esses **ACCORDOS** vão **FERIR POLITICAMENTE CORRELLIGIONARIOS HONRADISSIMOS**.

Ao valente e radioso espirito de **JOÃO ARROIO**, nós, cuja independencia politica está acima de todas as **PEQUENINAS CONVENIENCIAS PARTIDARIAS** ou **PARTICULARES**, enviamos a expressão honesta do nosso applauso, que nunca saberemos regatear a esse corajoso luctador, e um dos mais intelligentes deputados da opposição.

O governo que tripudie. Está morto. Está gangrenado. O seu cadaver ha de ir á sepultura de envolta com todo o partido progressista, que dará á historia a pagina mais degradante da nossa existencia politico-constitucional.

Nada dizemos a el-rei. Mas custa-nos ver que **SUA MAGESTADE** assim deixe a sua **REPUTAÇÃO** de chefe do estado por mãos tão **SUJAS** como as dos seus **ACTUAES MINISTROS**.

CASO GRÁVE!

A'LERTA!

Additando a nossa noticia publicada no ultimo numero do *Espectro*, podemos assegurar que é effectivamente verdadeiro o negro caso da *governante*... Chama-se ella Maria Augusta da Silva, e fornece a quem a quizer ouvir elementos valiosissimos para a **lodosa** historia das **OBRAS DO PORTO DE LISBOA**. A quantia que lhe foi offercida para fazer entrega d'uns documentos, em poder do sr. Reeves, foi de **trez contos de**

réis, que ella não quiz acceitar, recebendo em troca d'este e d'outros **serviços fieis...**, a **choruda gratificação** a que no ultimo numero nos referimos.

Mais sabemos que a **infeliz senhora governante** vae requerer arresto para segurança dos seus ordenados...

OS SETE PECCADOS MORTAES

(Carta ao rei Oscar)

Oscar, rei e senhor :

Não estranheis n'este instante
Que eu venha dirigir-me a um real visitante,
Uns momentos depois d'elle ter-se ido embora
—Como vos fostes já largando por'hi fóra
Este bello paiz, que é todo Azul e oiro,—
E n'uns versos febris, vibrantes, como um toiro
Picado de garrocha em meio d'uma praça;
Mas permittí, Senhor, permittí que eu vos faça
Em phrase bronzea e clara, a rude descripção
Da lepra do paiz, de toda a corrupção,
Que inda hontem sorriu a Vossa Magestade,
Risos feitos de fel, de pulhice e maldade :
E, bom monarcha, vós, que andastes passeando
Por Ajuda, Belem, Cintra, sempre gosando,
Não vistes o que ha podre, ignobil, salafriario
N'esta nação. Mas eu vos pinto esse sudario !

Vós não fostes, Senhor, ao largo de S. Bento,
A admirar, a pasmar, d'esse antro, — parlamento
Vistes bella a cidade, esplendida e gloriosa,
E supposestes n'ella as coisas côr de rosa :
Puro engano, porém, mostraram-vos apenas
O que podieis ver, occultas as gangrenas
D'este paiz perdido; ah ! nem tudo sorri!
E do muito que não viste a descripção ouvi,
Muito embora nenhuma alta impressão vos faça

A nossa epocha é uma epocha devassa,
E em que se ergue um altar, á Crapula, e á Villania
Em que o grande deus *Ventre*, e a grande deusa *Orgia*
Dão um horrído abraço, impudico e fatal;
E não basta, senhor, a voz de Juvenal,
Nem um raio vermelho, ensanguentado e forte,
Para bem castigar bandidos d'esta sorte;
A colera não basta, indomita e selvagem
Toda feita de luz, rija como a coragem;
Já não basta o sarcasmo asperrino e violento,
A ferrea indignação dos homens de talento,
A rude voz da plebe, ameaçadora e bruta,
P'ra castigar de vez a onda prostituta
Dos homens do poder, pulhas como Luiz XI!
Alexandrinós mil feitos de fel e bronze
Das arestas do raio e scintillações d'estrellas,
Já não bastam, Senhor, nos lombos, nas costellas,
Dos farçantes que vão sugando o nosso sangue.

O paiz quasi está completamente exangue !

Era preciso, Senhor, dar um sagrado exemplo
E varrer a chicote os vendilhões do templo,
Os que põem em leilão a honra do paiz

Como costuma vender o corpo a meretriz
A' noite na viella immunda do Abandono !

Chegae com a vossa voz até aqui ao throno,
E este poema ouvi, sarcastico e vibrante :

Cada verso é um açoite, e cada rima um tagante!

×

Não ouvistes por cá a onda de revolta,
Nem as phrases de fel que o nosso povo solta ;
Não ouvistes, Senhor, vozes estranguladas
Vibrantes como a ponta aguda das espadas
Dos povos do Funchal, heroicos e valentes,
Essas vozes que são fortes e independentes ;
Nem ouvistes tambem os mil esfomeados,
As negras maldições dos povos fuzilados
Pelos biltres de cima,—um já com processo
Posto no tribunal !

Troppmanns do *Progresso*,

Timoneiros da nau do estado—*pechisbeque* :
Veiga Beirão que tem essa epopeia,—o *beque*,
Todos os outros mais, consciencias latrinarias,
Que pedem ao paiz para penitenciarias
Apenas cinco mil contos de réis exactos,
Fazendo d'isto um queijo em que elles são os ratos?
O devasso genial, o *rico-homem* Navarro,
O crapuloso heroe, cujo nome é um escarro,
E cujo olhar cubiçou sempre uma pasta,—engodo
P'ra ter um pedestal feito de lama e lodo,
Toda a cafila vil, toda a malandrinagem,
Estadistas chrinfrins de reles cartonagem,
Como esse da Marinha, Henrique de Macedo,
Essa phenomenal cataplasma de medo,
Tão covarde que apanha os bofetões avulsos,
Sem ao menos sentir vir-lhe o sangue aos pulsos ;
Luciano, esse lebreu, de chronica medonha,
O requinte completo e unico sem vergonha,
Marianno esse bilhostre, e a penna aqui consigne
Que em toda a mariolada, é um mariola insigne,
O antigo fadistão, da escola dos villões,
Saltimbanco de feira, e chefe de truões,
Nome que é um bordel, nome que é um insulto,
Rata numero um, reles poder occulto
Antigo safardana e grande entre os fadistas,
Que deitava em Cascaes, muito fogo de vistas ;
S. Januario esse *ginja* erotico e mundano
Que d'isto faz um esgoto e do paiz um cano ;
Barros Gomes seraphico, homem de grandes mãos
Que fez burros de carga, em Ceylão, aos christãos,
Todos elles emfim, reles pulhas emeritos
D'este tempo presente e dos tempos preteritos
Que só pensam sugar as forças d'este povo,
Co'o seu credo do roubo, esse seu credo novo !

Portanto Oscar, Senhor, ao nosso rei, collega
De Vossa Magestade, escrevei da Noruega
A fazer-lhe sentir a negra podridão
Que não chegaste a ver aqui n'esta nação !
E dizei-lhe co'a força augusta da verdade :

Collega:—é necessario a Vossa Magestade
O governo mandar p'r'o fundo das galés,

Se não vos resolveis correl-o a pontapés.

Quinze contos de reis em fogo de vistas!!! Oitenta e tres contos de reis para obras no Theatro de S. Carlos!!!

Aqui está para onde vae o nosso dinheiro; aqui está para onde vae o suor do povo, convertido em mólho para a *socega* dos potentados!

O paiz é rico!

O paiz é millionario!!

O paiz é a California!!!

Arre, seus malandros!!!

Fique-se sabendo que o governo fez-nos carregar com a **albarda de quinze contos de réis** para a pepineira monstruosa do fogo de vistas em honra do rei Oscar; e que mais nos faz carregar com o **albardão de oitenta e tres contos de réis** para obras do theatro de S. Carlos afim de se divertir o sr. Luciano de Castro, o sr. Marquez da Foz e as amantes dos ministros de-vassos!...

Total: **noventa e oito contos!**

Que diabo é isso?

Então para que se inventaram a lei das licenças, a lei das decimas de juro, e para que existem:

- o imposto do rendimento!
- o imposto do sello!
- a contribuição predial!
- a contribuição industrial!
- a contribuição sumptuaria!
- a contribuição de renda de casas!
- os impostos aduaneiros!
- o imposto do real d'agua!
- o imposto municipal!
- o imposto de siza!
- a contribuição de registro!
- o imposto parochial!
- a contribuição districtal!

e mais o grande diabo que os carregue a todos!!!

Sim para que serve então a Alfandega, o Exército, a Armada, os Escrivães de Fazenda, os officaes de diligencias, as Penhoras, o Limoeiro, os esbirros, a Forca mesmo, quando venha, que não póde tardar?!

Real Senhor:

Venham mais **albaldas**, porque o povo, na phrase do sr. Marianno de Carvalho, — **pode e deve pagar mais.**

PANDILHAS E VILLÕES!!!

Continua o sudario.

Mas deixemos descansar um pouco, por agora, o sr. Marianno de Carvalho, e vamos a outro ministro, tão **cynico** como **pandilha**, o sr. Emygdio Navarro.

O oiro lusente da sua prosa, não é, em nada, inferior aos bocadinhos luminosos que temos transcripto do sr. Marianno.

E' preciso demascarar aqui todos esses **bando-leiros**, todos esses **lividos sicarios**, sem caracter e sem pudor.

O *Espectro* não é um jornal: é um **pelouri-**

no. Isto é um tablado enorme, para onde iremos trazendo do lodoso charco nauseabundo em que vegetam, esses **malandrinis impudicos** e onde os mostraremos ás massas assombradas, taes como são, **sujos, vis, pôdres, acanalhados e infames.**

Falla o sr. EMYGDIO NAVARRO, — no *Progresso* de 28 de Janeiro de 1878:

— «A coroa, custa a dizel-o, pezuou para as fechar, sobre as folhas immundas de um processo de roubo. ... O soberano campêa pela corrupção! A purpura é empregada em esconder pustulas de leprosos, e o sceptro ensarilha para defender da policia a sua legitima preza.»

Perguntamos ao sr. EMYGDIO NAVARRO se a COROA PEZA PARA AS FECHAR, SOBRE AS FOLHAS IMMUNDAS DO PROCESSO DO SEU GRANDE ROUBO NAS OBRAS DO PORTO DE LISBOA, visto como o sr. Navarro é publicamente accusado na imprensa e no parlamento de **ladrão** e tem um **processo aberto na Boa-Hora**, por esse crime; — e ousamos por igual perguntar a el-rei se está disposto a que a celebre phrase do seu ministro **villão**, se confirme plenamente, em face da demora que esse phantastico processo vae tendo.

Melhor: Upa!

O sr. EMYGDIO NAVARRO, escreveu em 17 DE JULHO DE 1878 (vidé *Progresso* d'este dia) o seguinte:

— «**Miseravel! El-rei ri-se das nossas exhortações. E' o cynismo da apostasia. E' o ventre de Falstaff.**»

Mais perguntamos ao sr. Emygdio Navarro, se o **miseravel** a que se refere, deixou de ter o **cynismo da apostasia**, agora que tolera nos conselhos da corôa, o **ministro pandilha**, que faz dos dinheiros da nação, roupa de francezes, e panella de soldadesca, em que é só **metter a mão e tirar**, — e ousamos por igual perguntar a el-rei se o seu **ventre de Falstaff**, na phrase do **bilhostre** supra, ainda não está replecto das extraordinarias infamias do seu governo.

Mais rico: Upa! Upa!!

O sr. EMYGDIO NAVARRO escreveu em 31 DE JANEIRO DE 1878 (vidé *Progresso* d'este dia), o seguinte:

— «O sr. D. Luiz I julgou exigencia do lustre da sua corôa, e dos melindres da sua elevada magistratura, sancionar as ladrociaras.»

Mais perguntamos ao sr. Emygdio Navarro e ousamos por igual perguntar a el-rei se Sua Magestade ha por bem **sancionar as ladrociaras** do seu governo **immundo, devasso e pandilha**, para **lustre da sua coroa**. Real Senhor, se o nosso ferro em braza não chega, lance Vossa Magestade mão de um violentissimo chicote, e leve diante de si, pela força, toda essa cafila corrupta e infamissima.

E—continuar-se-ha.

A epopeia do sr. Emygdio Navarro

O sr. Emygdio Navarro chamava em 1878 ao partido regenerador o **partido favorito d'el-rei**. Pois nós vamos mostrar-lhe qual é o **partido favorito**, nós vamos mostrar-lhe que as suas palavras são uma **epopeia gloriosa**:

Cá está o que o sr. ministro da obras publicas, escreveu:

—**O partido favorito d'el-rei, forte com o apoio que recebe do paço, arrancou de todo a mascara, e depois de se haver manchado com os mais vergonhosos escandalos, pretende agora suffocar as resistencias do paiz, com as mais criminosas violencias. Depois das ladroeiras o trabuco!**—

1.º

Quem arrancou a mascara?

O sr. Navarro **roubando** impunemente (por ora...) o paiz, vendendo a um estrangeiro uma portaria de alteração das obras do porto de Lisboa.

2.º

Quem está manchado com os mais vergonhosos escandalos?

O sr. Marianno, negociando de sua conta propria o **monopolio dos tabacos**, e outros monopolios mais, e **roubando** descaradamente o paiz com uma sociedade sob a firma de Marianno, Foz, Moser & C.ª de **exploração** illimitada.

3.º

Quem pretende suffocar as resistencias do paiz?

O sr. Luciano de Castro dando ordem terminante para se **assassinar** o povo que se levantou no Funchal, em Cantanhede e em Pombal, como de facto se assassinou impunemente (por ora...)

4.º

Quem pratica as mais criminosas violencias?

O sr. Henrique de Macedo assignando uma ordem de captura contra o seu esbofeteador, e o sr. Francisco Beirão creando julgados municipaes em comarcas insignificantes, deixando escrivães e outros empregados o morrer de fome.

5.º

Quem usa, depois das ladroeiras, do trabuco?

Todo o governo progressista que após a **concessão vergonhosissima, o roubo infame, a crápula ignobil**, manda abafar pela força do numero as mais graves questões de serias responsabilidades, que se debatem no parlamento.

Aqui está a **epopeia do sr. Navarro**.

Por sobre **ladrões, assassinos!**

Ah! que valiosa que é a prosa dos senhores do governo!

Processo crime instaurado pelo ESPECTRO, contra o ministerio progressista actualmente no poder.

Anno da graça de mil oitocentos e oitenta e oito

Auctores

Os quatro milhões de habitantes do paiz.

Reus

Os sete phantasticos personagens que se sentam nas cadeiras do poder.

LIBELLO DE ACCUSAÇÃO

(Continuação)

61.º

P.—que o réu Marianno Cyrillo de Carvalho é o maior SAFARDANA que pisa o solo d'este paiz.

62.º

P.—que ainda este réu é, como politico, como homem de estado, e como administrador da fazenda publica, a individualidade mais petulantemente CANALHA da nação.

63.º

P.—que todo o passado d'este réu, é a pagina mais escura, mais degradante, e mais immoral que se conhece.

64.º

P.—que este réu, foi, como jornalista, a penna mais virulenta e mais requintadamente infame, de que ha memoria nos annaes da imprensa portugueza.

65.º

P.—que são originaes d'elle os viperinos insultos que o *Diario Popular* dirigiu á familia real, embrulhados n'uma linguagem de faiante de navalha.

66.º

P.—que este réu inventou o ESTADULHO, as investidas contra a rainha e os principes, e é o celebre pyrotechnico de Cascaes.

67.º

P.—que este réu, sem vintem antes de ser ministro, está agora no galarim, e arrota já uma fortuna de boa porção de contos de réis.

68.º

P.—que no ministerio progressista de 1879, sendo ainda CEDO DE MAIS, para elle ir aos conselhos da corôa, por estarem bastante frescos os insultos dirigidos á familia real,—foi, e d'isso se vangloriou,—o PODER OCCULTO!

69.º

P.—que este mesmo réu, para CONSEGUIR OS SEUS FINS, de se introduzir dentro do paiz,—para o roubar—como ministro,—se disfarçou em *sapateiro Simão*, para amedrontar o paço.

70.º

P.—que este réu é o sujo heroe do escuro negocio da empalmação de uma nota de dez mil réis de cima d'um balcão d'uma loja da Baixa!

(Continua).